

IGBÁ ORÍ

Por

Altair T'Ogun

<http://www.altair.togun.nom.br/arquivo/cultura09.htm>

Nota introdutória de Luiz L. Marins:

A página de Altair Togun não está mais no ar devido seu passamento, mas pela importância que teve este sacerdote no contexto das religiões afro-brasileiras, julgamos oportuno salvar esta página sobre o tema que, com certeza, é o mais polêmico, de todos os temas polêmicos levantados por Altair. Sugiro que vejam também o texto [A Reafricanização Filosófica de Altair Togun](#), uma coletânea de pensamentos pinçados aleatoriamente em seus livros, e reorganizados em texto único.

É a nossa cabeça que devemos reverenciar não aquela tigela com alguns objetos que dizem, ser o *Igbá Orí*. Digo isso por que acredito assim. E algumas vezes, quando sou questionado por algumas pessoas que por “n” motivos, perguntam o que fazer com seu “*Igbá-Orí*”.

Outros, preocupadíssimos porque seus zeladores não querem entregar ou que pior ainda, despacharam seus *Igbá-Orí*. Então, converso com elas dizendo isso que acredito. Grande parte delas se acalma e acaba concordando comigo. Não que eu seja o dono da verdade, mas, há lógica em minha teoria. Mas, se não houver, é um bom assunto para ser pensado por todos.

Assim como, não é por ter escolhido um mau Orí que a pessoa tenha que viver na penúria a vida inteira. Ela poderá, através dos ebo reverter esse quadro, se não por completo, mas, em boa parte, pois ela estará resgatando parte da integridade do seu Orí.

Mas, também, não será somente através dos ebó que isso será alcançado. Elas também haverá que se esforçar com muito mais força de vontade ainda para superarem suas barreiras. Podem não alcançar o sucesso total, mas, poderão ter uma vida mais amena com algumas realizações e alegrias.

A iniciação na Religião Yorùbá significa o nascimento do *Orí-inú* dentro do culto aos *Òrìṣà*. É uma maneira de demonstrar que a partir da iniciação aquela pessoa nasceu para a religião e para o sagrado com a confirmação do seu *Orí-inú*, que passará a ter representação física no *àiyé*.

Aí, é que começa a história do *Igbá Orí* (literalmente, cabaça da cabeça, pois os assentamentos eram feitos em cabaças – *igbá*, daí o nome ter virado sinônimo de assentamento de *Òrìṣà*) a Cabaça do *Orí*.

Costuma-se fazer assentamentos com as mais variadas coisas para representar o *Orí* de uma pessoa. Esta variedade de coisas deve-se a que o *Orí* seja o que individualiza o ser humano. Como no caso das impressões digitais, ninguém tem *Orí* igual ao de outra pessoa, cada *Orí* é único e exclusivo daquela pessoa.

Então, faz-se o assentamento numa cabaça ou tigela, o mais comum entre nós, e esse assentamento é cultuado *como Igbá – Orí*, ou seja, a representação física do *Orí-inú* da pessoa. Tudo bem, este comportamento é usual e corrente. Mas, sem querer ser o único certo, longe de mim isso, eu não concordo com esse tipo de *Igbá Orí*. Porque eu penso que a melhor representação do nosso *Orí-inú* é o nosso *Orí* físico, ou seja, a nossa própria cabeça.

A nossa cabeça física é a materialização da nossa cabeça interior, acho eu. Qual o melhor objeto para representar o nosso *Orí-inú*, que não a nossa própria cabeça? É dentro dela que se instala a outra do *òrun*, por isso, chamado *Orí-inú* (cabeça interior), mas interior onde? Da cabeça física que também acho, tem o formato do *igbá* (cabaça).

Quando fazemos um *eborí* nós estamos cultuando essa cabeça interior. E onde nós fazemos os preceitos? Diretamente em nossa cabeça, pois é ali que mora o nosso *Orí inú*, e o nosso *orí*.

Igbá Ori, segundo a Tradição de Òrìṣà, não leva òkúta e não deveria existir, pois não há lugar melhor para cultuar *Orí Inú* que sobre *Orí Ode*, porém ficou convencionado o uso dele. Quanto ao *Igbá-Orí*, quer dizer a bandeja onde guardamos o *double*, a representação material do *Orí*, este contém alguns itens de conhecimento restritos àqueles que tem o seu *ori*

“assentado”. **Posso, porém assegurar que dentre estes itens jamais encontrarás um òkúta (Qta).**

Àse para todos!

Altair t’Ògún